CULTURA (HTTPS://VERMELHO.ORG.BR/CULTURA/)

A autoestrada do sul

Um interminável congestionamento...

Por Julio Cortázar

Publicado 08/08/2014 20:39

Congestionamento

Gli automobilisti accaldati sembrano nom avere storia... Come realtà, un ingorgo automobilistico impressiona ma non ci dice gran che. –
Arrigo Benedetti, *L'Espresso*, Roma, 21.6.1964

No começo, a moça do Dauphine havia insistido em fazer a contagem do tempo, se bem que o engenheiro do Peugeot 404 pouco estivesse ligando. Qualquer pessoa poderia olhar no relógio, mas era como se esse tempo, amarrado ao pulso direito ou ao bip bip do rádio, medisse outra coisa fora do tempo dos que não fizeram a estupidez de querer voltar a Paris pela autoestrada do sul, num domingo à tarde, quando, apenas saídos de Fontainebleau, tiveram de ir em marcha lenta, parar, seis filas de cada lado (já se sabe que aos domingos a autoestrada fica inteiramente reservada aos que voltam para a capital), ligar o motor, avançar três metros, parar, conversar com as duas freiras do 2HP da direita, com a moça do Dauphine à esquerda, olhar pelo espelho retrovisor o homem pálido que dirige um Caravelle, invejar ironicamente a felicidade avícola do casal do Peugeot 203 (atrás do Dauphine da moca) que brinca com a filhinha, diz piadas e come queijo, ou sofrer de vez em quando as exclamações exasperadas dos dois rapazotes do Simca que precede o Peugeot 404, e até descer nas colinas e explorar os arredores sem se afastar muito (porque nunca se sabe em que momento os automóveis da frente recomeçarão a marcha, sendo então preciso correr para que os de trás não iniciem a guerra das buzinas e dos insultos), e assim chegar à altura de uma Taunus, na frente do Dauphine da moça que olha a hora a todo o momento, e trocar umas frases desacorçoadas ou brincalhonas com os dois homens que viajam com o menino louro cujo imenso divertimento, naquelas precisas circunstâncias, consiste em fazer correr livremente seu automovinho de brinquedo por cima dos assentos e do rebordo posterior do Taunus, ou atrever-se a avançar mais um pouco, já que não parece que os carros da frente possam reiniciar a marcha, e contemplar com certa pena o casal de

velhos do ID Citroen semelhante a uma gigantesca banheira roxa onde boiam os dois velhinhos, ele descansando os antebraços no volante com ar de paciente fadiga, ela mordiscando uma maçã mais com aplicação do que vontade.

Depois de enfrentar tudo aquilo, de fazer tudo aquilo pela quarta vez, o engenheiro havia decidido não mais sair do seu carro, à espera de que a polícia dissolvesse de alguma forma o engarrafamento. O calor de agosto crescia, a esse tempo, do nível dos pneumáticos, tornando a imobilidade cada vez mais enervante. Tudo era cheiro de gasolina, gritos absurdos dos rapazolas do Simca, brilho do sol reluzindo nos vidros e nos cromados e, por cúmulo, a sensação contraditória de enclausuramento em plena selva de máquinas concebidas para correr. O 404 do engenheiro ocupava o segundo lugar da pista da direita, contando a partir da faixa divisória das duas pistas, de modo que tinha outros quatro automóveis à sua direita e sete à sua esquerda, se bem que de fato só pudesse distinguir os oito carros que o rodeavam e seus ocupantes, aos quais já observara até a exaustão. Tinha conversado com todos, menos com os rapazes do Simca, que lhe pareciam antipáticos; entre uma e outra parada discutira-se a situação nos menores detalhes, e a impressão geral era de que até Corbeil-Essones se iria avançar como que a passo ou pouco menos, mas que entre Corbeil e Juvisy o ritmo seria acelerado, desde que os helicópteros e os motociclistas conseguissem desfazer a parte pior do engarrafamento. Ninguém duvidava de que um acidente muito grave tivesse acontecido naquela área, única explicação para aquela lentidão incrível. E com isso, o governo, o calor, os impostos, o tráfego, um assunto atrás do outro, três metros, outro lugar-comum, cinco metros, uma frase sentenciosa ou uma maldição contida.

As duas freirinhas do 2HP gostariam de chegar a Milly-la-Fôret antes das oito horas, pois levavam uma cesta de legumes para a cozinheira. O casal do Peugeot 203 se preocupava, sobretudo, em não perder os jogos televisados das nove e meia; a moça do Dauphine dissera ao engenheiro que para ela pouco importava chegar mais tarde a Paris mas reclamava por princípio, porque achava absurdo o fato de se submeter milhares de pessoas a um regime de caravana de camelos.

rasil/?

Nestas últimas horas (deviam ser quase cinco, mas o calor os castigava insuportavelmente), tinham avançado uns cinquenta metros, segundo o engenheiro, embora um dos homens do Taunus que se aproximara para conversar, trazendo pela mão o menino com seu carrinho, mostrasse ironicamente a copa de um plátano solitário, e a moça do Dauphine lembrasse que esse plátano (se não fosse um castanheiro) tinha estado na mesma linha do seu carro durante tanto tempo que já nem valia a pena olhar o relógio para perder-se em cálculos inúteis.

rmelho?

O entardecer não chegava nunca, a vibração do sol sobre as pistas e as carrocerias dilatava a vertigem ate a náusea. Os óculos pretos, os lenços com água-de-colônia na cabeça, os recursos improvisados para se proteger, para evitar um reflexo ofuscante ou a fumaça dos canos de escapamento em cada avançada, eram organizados e aperfeiçoados, eram objeto de comunicação e comentário. O engenheiro desceu novamente para esticar as pernas, trocou algumas palavras com o casal de ar camponês do Ariane que precedia o 2HP das freiras. Atrás do 2HP vinha um Volkswagen com um soldado e uma moça que pareciam recém-casados. A terceira fila do lado de fora deixava de interessar-lhe, porque teria que se afastar perigosamente do 404; enxergava cores, formas, Mercedes Benz, ID, 4R, Lancia, Skoda, Morris Minor, o catálogo completo. À esquerda, sobre a pista do lado oposto, estendia-se um outro matagal interminável de Renault, Anglia, Peugeot, Porsche, Volvo; era tão monótono que, finalmente, depois de conversar com os dois homens do Taunus e de tentar, sem êxito, uma troca de impressões com o motorista solitário do Caravelle, não restava nada melhor que voltar para o 404 e recomeçar a mesma conversa sobre as horas, as distâncias e o cinema, com a moça do Dauphine.

Às vezes chegava um estranho, alguém que se infiltrava entre os automóveis, vindo do outro lado da pista ou das filas externas da direita, que trazia alguma notícia, provavelmente falsa, repetida de carro em carro ao longo de escaldantes quilômetros. O estranho saboreava o sucesso de suas novidades, o bater das portas quando os passageiros se precipitavam para comentar o fato, mas ao fim de certo tempo se ouvia alguma buzina ou o arranque de um motor, e o estranho saía correndo, via-se o sujeito

ziguezagueando entre os automóveis para entrar no seu e não ficar exposto à justa cólera dos demais. Ao longo da tarde soubera-se da batida entre um Floride e um 2HP perto de Corbeil, três mortos e um menino ferido, a dupla batida de uma Fiat 1500 com uma caminhonete Renault, que amassara um Austin cheio de turistas ingleses, a capotagem de um ônibus de Orly cheio de passageiros chegados no avião de Copenhague. O engenheiro estava certo de que quase tudo era falso, embora algo de grave devesse ter acontecido perto de Corbeil e, inclusive, nas proximidades de Paris, para que a circulação tivesse sido paralisada até aquele ponto. Os camponeses do Ariane, que tinham uma granja para os lados de Montereau e conheciam bem a região, falavam de um domingo em que o trânsito havia parado durante cinco horas, mas esse tempo começava a parecer quase insignificante agora que o sol, pondo-se à esquerda do caminho, derramava em cada automóvel uma última avalanche de geléia laranja que fazia ferver os metais e ofuscava a vista, sem que jamais uma copa de árvore desaparecesse de todo para trás, sem que outra sombra apenas entrevista à distância se aproximasse como para poder sentir verdadeiramente que o cortejo estava se mexendo ainda que muito pouco, embora fosse preciso parar e arrancar, e bruscamente frear sem nunca sair da primeira, da ultrajante desilusão de passar mais uma vez da primeira ao ponto morto, freio de pé, freio de mão, parar, e assim de novo, mais uma vez e mais outra.

Em dado momento, o engenheiro, farto de inação, decidira aproveitar uma parada, especialmente interminável, para percorrer as filas da esquerda, e, deixando atrás o Dauphine, encontrara um DKW, um outro 2HP, um Fiat 600, e se detivera junto de um De Soto para trocar impressões com o espantado turista de Washington que quase não entendia francês mas tinha de chegar às oito horas sem falta na Place de 1'Opera you understand, my wife be awfuily anxious, damn it, e se falava disto e daquilo quando um homem com jeito de caixeiro viajante saiu do DKW para contar-lhes que alguém chegara havia pouco com a notícia de que um Piper Club se despedaçara no meio da autoestrada, havendo vários mortos. O americano pouco estava se incomodando com o Piper Club, assim como o engenheiro que ouviu um coro de buzinas e se apressou em voltar para o 404, transmitindo, de passagem, as novidades aos dois homens do Taunus e ao casal do 203. Reservou uma explicação mais detalhada para a moça do Dauphine, enquanto os automóveis avançavam lentamente uns poucos metros (agora o Dauphine estava ligeiramente atrasado com relação ao 404, e mais tarde seria ao contrário, mas, na verdade, as doze filas se mexiam praticamente em bloco, como se um guarda invisível, no fundo da autoestrada, ordenasse avançar simultaneamente sem que ninguém pudesse levar vantagem). Piper Club, senhorita, é um pequeno avião de passeio. Ah! que péssima ideia esborrachar-se e plena autoestrada, num domingo à tarde. São dessas coisas. Se ao menos não fizesse tanto calor nos desgraçados automóveis, se essas árvores da direita ficassem finalmente para trás, se o último número do velocímetro acabasse de cair no seu buraquinho preto em vez de continuar suspenso pela cauda interminavelmente.

rasil/?

rmelho?

Em determinado momento (começava a anoitecer suavemente, o horizonte de tetos de automóveis tingia-se de lilás) uma enorme borboleta branca pousou no párabrisa do Dauphine, e a moça e o engenheiro admiraram-lhe as asas na breve e perfeita suspensão de sua imobilidade; com exasperada nostalgia, viram-na afastar-se, sobrevoar o Taunus, o ID roxo dos velhos, dirigir-se rumo ao Fiat 600 já invisível desde o 404, voltar até o Simca onde uma mão caçadora tratou inutilmente de agarrá-la, voejar amavelmente sobre o Ariane dos camponeses, que pareciam estar comendo alguma coisa, e perder-se depois em direção à direita. Ao anoitecer, a fila deu uma primeira avançada importante, de quase quarenta metros; quando o engenheiro olhou distraidamente o velocímetro, a metade do 6 havia desaparecido e um pedaço do 7 começava a desprender-se do alto. Quase todos ouviam rádio, os do Simca o ligaram no máximo e cantavam em coro um twist, com sacudidelas que faziam vibrar a carroceria; as freiras passavam as contas de seu terço, o menino do Taunus dormira com o rosto colado a um vidro, sem soltar o automóvel de brinquedo. Em algum momento (já era noite fechada) chegaram estranhos com mais notícias, tão contraditórias como as outras, já esquecidas. Não tinha sido um Piper Club mas um planador pilotado pela filha de um general. Era exato que uma caminhonete Renault amassara um Austin, mas não em Juvisy e sim quase às portas de Paris; um dos forasteiros explicou para o casal do 203 que o asfalto da autoestrada cedera à altura de Igny e que cinco automóveis

capotaram ao meterem as rodas dianteiras na valeta. A ideia de uma catástrofe natural se propagou até o engenheiro, que deu de ombros sem fazer comentários.

Mais tarde, pensando nessas primeiras horas de escuridão em que respiraram um pouco mais livremente, lembrou-se de que em dado momento botara o braço para fora da janela, para bater na carroceria do Dauphine e acordar a moça que dormira encostada na direção, sem tomar conhecimento de um novo avanço. Talvez já fosse meia-noite quando uma das freiras lhe ofereceu timidamente um sanduíche de presunto, supondo que estaria com fome.

O engenheiro aceitou por cortesia (na verdade sentia náuseas) e pediu licença para dividi-lo com a moça do Dauphine, que aceitou e comeu gulosamente o sanduíche e o tablete de chocolate que lhe passara o passageiro do DKW, seu vizinho do lado esquerdo. Muitos saíram dos automóveis superaquecidos, porque outra vez passaram horas sem avançar; começava-se a sentir sede, já esgotadas as garrafas de limonada, de coca-cola e até de vinho. A primeira a se queixar foi a menina do 203, e o soldado e o engenheiro abandonaram os automóveis com os pais da menina para procurar água. Na frente do Simca, onde o rádio parecia ser alimento suficiente, o engenheiro encontrou um Beaulieu ocupado por uma mulher madura, de olhar inquieto. Não, não havia água mas podia dar umas balas à menina. O casal do ID entreolhou-se um momento, depois a velha meteu a mão numa bolsa e tirou uma latinha de suco de frutas. O engenheiro agradeceu e quis saber se estavam com fome e em que podia lhes ser útil, o velho mexeu negativamente a cabeça, mas a mulher pareceu concordar sem palavras. Mais tarde, a moca do Dauphine e o engenheiro exploraram juntos as filas do lado esquerdo, sem se afastarem muito; voltaram com alguns biscoitos que levaram à velha do ID, bem a tempo de voltarem correndo aos seus automóveis, sob uma chuva de buzinas.

rasil/?

rmelho?

À parte esses avanços mínimos, era tão pouco o que se podia fazer que as horas acabavam por se sobrepor, por ser sempre a mesma na lembrança; em determinado momento, o engenheiro pensou em riscar esse dia de sua agenda, e conteve uma risada, mas, pouco adiante, quando começaram os cálculos contraditórios das freiras, dos homens do Taunus e da moça do Dauphine, viu-se que teria sido conveniente fazer melhor a conta. Os rádios locais haviam suspendido as transmissões, e somente o homem do DKW possuía um aparelho de ondas curtas, empenhado em transmitir notícias da bolsa. Por volta das três da madrugada pareciam haver chegado a um acordo tácito para descansar, e até o amanhecer a fila não se mexeu. Os rapazes do Simca tiraram colchões de borracha e os estenderam do lado do automóvel; o engenheiro desceu o encosto do assento dianteiro do 404 e ofereceu os lugares às freiras, que recusaram; antes de deitar-se um pouco, o engenheiro pensou na moça do Dauphine, muito quieta contra o volante, e como quem não dá muita importância propôs-lhe que trocassem de automóvel até o amanhecer; ela recusou, alegando que dormia muito bem de qualquer maneira. Durante certo tempo se ouviu o menino do Taunus chorando, deitado no assento traseiro, onde devia sentir muito calor. As freiras ainda rezavam quando o engenheiro se deixou cair no assento e foi adormecendo, mas seu sono estava próximo demais da vigília e ele acabou por acordar suando e inquieto, sem compreender, no primeiro momento, onde estava; soerguendo-se, começou a perceber os movimentos confusos do exterior, um deslizar de sombras entre os automóveis, e vislumbrou um vulto que se afastava até a borda da autoestrada, adivinhou as razões, e mais tarde saiu também do carro, sem fazer ruído, indo aliviar-se à beira da estrada; não havia cercas nem árvores, somente o campo negro e sem estrelas, algo que parecia um muro abstrato limitando a faixa branca do asfalto, com seu rio imóvel de veículos. Quase tropeçou no camponês do Ariane, que balbuciou uma frase ininteligível; ao cheiro de gasolina, persistente na autoestrada calorenta, somava-se agora a presença mais ácida do homem, e o engenheiro voltou quanto antes para seu automóvel. A moça do Dauphine dormia apoiada na direção, uma mecha de cabelo contra os olhos; antes de subir no 404, o engenheiro se divertiu explorando, na sombra, seu perfil, adivinhando a curva dos lábios que sopravam suavemente. Do outro lado, o homem do DKW também olhava a moça dormir, fumando em silêncio.

Pela manhã avançou-se muito pouco, mas o suficiente para dar a esperança de que nessa tarde se abriria o caminho para Paris. Às nove horas chegou um estranho com

boas notícias: haviam tapado as fendas e em breve se poderia circular normalmente. Os rapazes do Simca ligaram o rádio, um deles subiu na capota do automóvel, gritou e cantou. O engenheiro pensou que a notícia era tão duvidosa como as da véspera e que o estranho aproveitara a alegria do grupo para pedir e conseguir uma laranja dada pelo casal do Ariane. Mais tarde, chegou um outro desconhecido com a mesma artimanha, mas ninguém quis dar-lhe nada. O calor começava a subir e as pessoas preferiam permanecer nos automóveis à espera de que se concretizassem as boas notícias. Ao meio-dia, a menina do 203 começou de novo a chorar; a moça do Dauphine foi brincar com ela e fez-se amiga do casal. Os do 203 não tinham sorte: à sua direita estava o homem silencioso do Caravelle, alheio a tudo o que acontecia em redor, e à sua esquerda, tinham de aguentar a exuberante indignação do motorista de um Floride, para quem o engarrafamento era uma afronta exclusivamente pessoal. Quando a menina tornou a se queixar de sede, ocorreu ao engenheiro ir falar com os camponeses do Ariane, certo de que naquele automóvel havia fartura de mantimentos.

Para grande surpresa sua, os camponeses mostraram-se muito amáveis; compreendiam que em semelhante situação era necessária a ajuda mútua, e achavam que, se alguém se encarregasse de comandar o grupo (a mulher fazia um gesto circular com a mão, abrangendo a dúzia de automóveis que os cercava), não passariam privações até chegarem em Paris. Ao engenheiro incomodava a ideia de arvorar-se em organizador, e preferiu chamar os homens do Taunus para conferenciar com eles e com o casal do Ariane. Pouco depois, consultaram sucessivamente todas as pessoas do grupo. O jovem soldado do Volkswagen concordou imediatamente, e o casal do 203 ofereceu os poucos alimentos que lhes restavam (a moça do Dauphine havia conseguido um copo de groselha para a menina, que ria e brincava). Um dos homens do Taunus, que fora consultar os rapazes do Simca, obteve um assentimento irônico; o homem pálido do Caravelle encolheu os ombros e disse que para ele dava na mesma, que fizessem o que achassem melhor. Os velhos do ID e a senhora do Beaulieu estavam visivelmente satisfeitos, como se se sentissem maisprotegidos. Os motoristas do Floride e do DKW não fizeram observações, e o americano do De Soto olhou-os com assombro e falou qualquer coisa sobre a vontade de Deus. Foi fácil para o engenheiro propor que um dos passageiros do Taunus, no qual depositava instintiva confiança, ficasse encarregado de coordenar as atividades. No momento, não faltaria comida a ninguém, mas era necessário arranjar água; o chefe, a quem os rapazes do Simca tratavam de Taunus, simplesmente para se divertirem, pediu ao engenheiro, ao soldado e a um dos rapazes que explorassem as imediações da autoestrada e oferecessem alimentos em troca de bebidas. Taunus, que evidentemente sabia mandar, tinha calculado que poderiam satisfazer, na hipótese menos otimista, as necessidades de um dia e meio no máximo. No 2HP das freiras e no Ariane dos camponeses havia alimentos suficientes para esse tempo, e se os exploradores voltassem com água, o problema estaria resolvido. Mas somente o soldado regressou com o cantil cheio, cujo dono exigia, em troca, comida para duas pessoas. O engenheiro não encontrou ninguém que pudesse oferecer água, mas a viagem lhe serviu par aperceber que, além de seu grupo, estavam se constituindo outras células com problemas semelhantes: em dado momento, o passageiro de um Alfa-Romeo recusou tratar daquele assunto com ele, dizendo-se que se dirigisse ao representante de seu grupo, cinco automóveis atrás, na mesma fila.. Mais tarde, viram voltar o rapaz do Simca que não pudera arranjar água, mas Taunus calculou que já tinham bastante para os dois meninos, a velha do ID e o resto das mulheres. O engenheiro estava contando para a moça do Dauphine seu circuito pela periferia (era uma hora da tarde, o sol os encurralava nos automóveis), quando ela o interrompeu com um gesto e lhe indicou o Simca. Em um instante o engenheiro chegou até o automóvel e segurou pelo cotovelo um dos rapazes, que se refestelava em seu assento para beber a grandes goles na garrafa que trouxera escondida no blusão. Diante de seu gesto furioso, o engenheiro respondeu aumentando a pressão n braço; o rapaz desceu do automóvel e se jogou em cima do engenheiro, que recuou dois passos e o esperou, quase com pena. O soldado já vinha correndo, os gritos das freiras alertaram Taunus e o companheiro; Taunus ouviu o relato do acontecido, aproximou-se do rapaz da garrafa dando-lhe duas bofetadas. O rapaz gritou e protestou, choramingando, enquanto o outro resmungava sem se atrever a intervir. O engenheiro tirou-lhe a garrafa e deu-a a Taunus. Começaram a soar buzinas e cada qual voltou para seu automóvel, aliás inutilmente, dado que a fila avançou apenas cinco metros.

rasil/?

rmelho?

rasil/?

rmelho?

À hora da sesta, sob um sol ainda mais forte do que na véspera, uma das freiras tirou a coifa e sua companheira molhou-lhe a fronte com água-de-colônia. As mulheres improvisavam aos poucos suas atividades samaritanas, indo, de um automóvel a outro, ocupando-se das crianças para que os homens ficassem mais livres; ninguém se queixava, mas o bom humor era forçado, baseava-se sempre nos mesmos trocadilhos, num ceticismo de bom tom. Para o engenheiro e a moça do Dauphine, o mais vexatório era sentirem-se suados e sujos; quase os enternecia a total indiferença do casal de camponeses ante o cheiro que lhe brotava das axilas cada vez que vinha falar com eles ou repetir alguma notícia de última hora. Por volta do entardecer, o engenheiro olhou por acaso pelo espelho retrovisor e encontrou, como sempre, o rosto pálido e de traços tensos do homem do Caravelle, que, tal como o gordo do Floride, se mantivera alheio a todas as atividades. Achou que seus traços estavam ainda mais afilados e indagou consigo mesmo se ele não estaria doente. Mas depois, quando em conversa com o soldado e a mulher, teve ocasião de olhá-lo mais de perto, achou que o homem não estava doente; era, por assim dizer, outra coisa, um alheamento. O soldado do Volkswagen contou-lhe depois que sua mulher tinha medo daquele homem silencioso que não largava nunca a direção e parecia dormir acordado. Surgiam hipóteses, criava-se um folclore para lutar contra a inação. Os meninos do Taunus e do 203 tinham ficado amigos, depois brigaram mas logo se reconciliaram; seus pais se visitavam, e a moça do Dauphine ia de vez em quando ver como estavam passando a velha do ID e a senhora do Beaulieu. Quando, no entardecer, sopraram bruscamente umas rajadas de tempestade, perdendo-se o sol entre as nuvens suspensas no ocidente, as pessoas se alegraram pensando que ia refrescar. Caíram algumas gotas, coincidindo com um avanço extraordinário de quase cem metros; ao longe, brilhou um relâmpago, o calor aumentou ainda mais. Havia tanta eletricidade na atmosfera que Taunus, com um instinto que o engenheiro admirou sem comentários, deixou o grupo em paz até a noite, como se temesse os efeitos do cansaço e do calor. Às oito horas, as mulheres se encarregaram de distribuir a comida; decidira-se que o Ariane dos camponeses seria o almoxarifado geral, e que o 2HP das freiras serviria de depósito suplementar. Taunus fora, pessoalmente, falar com os chefes dos quatro ou cinco grupos vizinhos; depois, com a ajuda do soldado e do homem do 203, levou uma certa quantidade de alimentos aos outros grupos, retornando com mais água e um pouco de vinho. Resolveu-se que os rapazes do Simca cederiam os colchões de borracha à velha do ID e à senhora do Beaulieu; a moça do Dauphine levou-lhes dois cobertores escoceses, o engenheiro ofereceu seu automóvel, a que chamava, brincando, de vagão-leito, para quem precisasse. Viu, com surpresa, que a moça do Dauphine aceitou o oferecimento, para já naquela noite compartilhar os assentos reclináveis do 404 com uma das freiras; a outra foi dormir no 203, com a menina e sua mãe, enquanto o marido passava a noite deitado no asfalto, enrolado num cobertor. O engenheiro não tinha sono e jogou dados com Taunus e seu amigo; em dado momento, juntou-se a eles o camponês do Ariane e falaram de política, bebendo uns goles de aguardente que o camponês dera a Taunus naquela manhã. A noite não foi ruim; havia refrescado e brilhavam algumas estrelas por entre as nuvens.

Ao amanhecer o sono os apanhou, essa necessidade de se agasalhar que nascia com o cinzento da madrugada. Enquanto Taunus dormia junto do menino no banco traseiro, seu amigo e o engenheiro descansaram um pouco na parte da frente. Entre duas imagens de sonho o engenheiro acreditou escutar gritos à distância e viu um clarão indistinto; o chefe de outro grupo veio dizer-lhes que a trinta automóveis mais adiante houvera um princípio de incêndio num Estafette, provocado por alguém que tinha querido ferver seus legumes clandestinamente. Taunus fez piada sobre o caso, enquanto ia de carro em carro para ver como os demais haviam passado a noite, mas ninguém deixou escapar o que queria dizer. Nessa manhã, a fila começou a mexer-se muito cedo e tiveram de correr e agitar-se para recuperar os colchões e os cobertores, mas como por toda parte devia estar acontecendo a mesma coisa, ninguém se impacientava nem buzinava. Ao meio-dia, tinham avançado mais de cinquenta metros, e começava a divisar-se a sombra de um bosque do lado direito da estrada. Invejava-se a sorte dos que, nesse momento, podiam chegar até o acostamento e aproveitar o frescor da sombra; talvez houvesse um riacho, ou um córrego de água potável.

A moça do Dauphine fechou os olhos pensando numa chuveirada caindo-lhe pelo pescoço e pelas costas, escorrendo-lhe pelas pernas; o engenheiro, que a olhava de

soslaio, viu duas lágrimas rolarem pelo seu rosto.

Taunus, que acabava de avançar até o ID, veio buscar as mulheres mais moças para que atendessem a velha, que não se sentia bem. O chefe do terceiro grupo, na retaguarda, contava, entre seus homens, com um médico, e o soldado correu a buscá-lo. O engenheiro, que seguira com irônica benevolência os esforços dos rapazinhos do Simca para que lhes perdoassem a travessura, achou que era o momento de dar-lhes uma oportunidade. Com os materiais de uma tenda de campanha, os rapazes cobriram as janelas do 404, e o vagão-leito transformou-se em ambulância, para que a velha pudesse descansar numa relativa escuridão. O marido estendeu-se ao lado dela, tomando-lhe a mão, e os deixaram sozinhos com o médico. Depois, as freiras se ocuparam da velha, que havia melhorado; o engenheiro passou a tarde como pôde, visitando outros automóveis e descansando no de Taunus quando o sol castigava demais; somente três vezes teve de correr até seu automóvel, onde os velhinhos pareciam dormir, para fazê-lo avançar junto com a fila, até o elevado seguinte.

A noite os surpreendeu sem que tivessem chegado à altura do bosque. Por volta das duas da madrugada a temperatura caiu, e os que tinham cobertores ficaram satisfeitos de poder agasalhar-se. Como o cortejo não se mexeria até amanhecer (era uma coisa que estava no ar, que vinha do horizonte de carros imóveis na noite) o engenheiro e Taunus sentaram-se para fumar e conversar com o camponês do Ariane e com o soldado.

Os cálculos de Taunus já não correspondiam à realidade e foi o que disse francamente: de manhã seria preciso fazer alguma coisa para conseguir mais mantimentos e bebidas. O soldado foi procurar os chefes dos grupos vizinhos, que também não dormiam, discutiu-se o problema em voz baixa para não acordar as mulheres. Os chefes falaram com os responsáveis pelos grupos mais afastados, numa área de oitenta ou cem automóveis, e estavam certos de que a situação era análoga em toda parte. O camponês conhecia bem a região, propôs que dois ou três homens de cada grupo saíssem ao amanhecer para comprar mantimentos nas granjas vizinhas, enquanto Taunus tratava de indicar motoristas para os automóveis que ficassem sem dono durante a expedição. A idéia era boa, não sendo difícil juntar dinheiro entre os presentes; decidiu-se que o camponês, o soldado e o amigo de Taunus iriam juntos e levando todas as sacolas, redes e cantis disponíveis. Os chefes dos outros grupos voltaram às suas unidades para organizar expedições semelhantes; ao amanhecer, explicou-se a situação às mulheres e tomaram-se as medidas necessárias para que a coluna pudesse continuar avançando. A moça do Dauphine disse para o engenheiro que a velha já estava melhor e insistia em voltar para seu ID; às oito horas chegou o médico que não viu inconveniente no casal voltar ao seu automóvel. De qualquer maneira, Taunus decidiu que o 404 ficaria preparado permanentemente como ambulância; os rapazes, para se divertirem, fabricaram uma flâmula com uma cruz vermelha e pregaram-na na antena do automóvel. Já havia algum tempo as pessoas preferiam sair de seus carros o menos possível; a temperatura continuava caindo e, ao meio-dia, começaram os aguaceiros e viram-se relâmpagos à distância. A mulher do camponês apressou-se em juntar água com um funil e uma jarra de plástico, para especial alegria dos rapazes do Simca. Olhando tudo aquilo, debruçado sobre o volante onde havia um livro aberto que não lhe interessava muito, o engenheiro perguntou-se por que os expedicionários demoravam tanto a voltar; mais tarde, Taunus o chamou discretamente para seu automóvel e, lá dentro, disse-lhe que tinham fracassado. O amigo de Taunus forneceu detalhes: ou as granjas estavam abandonadas ou as pessoas se recusavam a vender qualquer coisa que fosse, invocando os regulamentos sobre vendas a particulares, desconfiando inclusive que poderiam ser fiscais que aproveitavam as circunstâncias para pô-las à prova. Apesar de tudo, tinham conseguido trazer pequena quantidade de água e alguns mantimentos, talvez roubados pelo soldado, que sorria sem entrar em pormenores. Era evidente que dentro de não muito tempo iria acabar o engarrafamento, mas os alimentos de que dispunham não eram os mais adequados para os meninos e a velha. O médico, que chegou por volta das quatro e meia para ver a doente, teve um gesto de irritação e cansaço e disse a Taunus que em seu grupo, como em todos os grupos vizinhos, estava acontecendo a mesma coisa. O rádio falara de uma operação de emergência para evacuar a autoestrada, mas além de um helicóptero que fez uma breve aparição ao anoitecer, não se viram outros preparativos. De qualquer

rasil/?

rmelho?

modo, fazia cada vez menos calor, as pessoas pareciam esperar a chegada da noite para enrolar-se nos cobertores e anular, pelo sono, algumas horas a mais de espera. Do seu automóvel, o engenheiro ouvia a conversa da moça do Dauphine com o homem do DKW, que contava histórias e a fazia rir sem vontade. Surpreendeu-se ao ver a mulher do Beaulieu, que quase nunca abandonava o automóvel, e desceu para saber se precisava de alguma coisa, mas a senhora estava apenas à cata das últimas notícias e pôs-se a conversar com as freiras. Um tédio sem fim pesava sobre eles ao anoitecer; esperava-se mais do sono do que das notícias, sempre contraditórias ou desmentidas. O amigo de Taunus chegou discretamente à procura do engenheiro, do soldado e do homem do 203. Taunus anunciou-lhes que o tripulante do Floride acabava de desertar; uns dos rapazes do Simca tinha visto o carro vazio, e, depois de algum tempo, começara a procurar seu dono para matar o tédio. Ninguém conhecia muito o homem gordo do Floride, que tanto reclamara no primeiro dia, embora depois acabasse por ficar tão calado como o motorista do Caravelle. Quando, às cinco horas da manhã, não restou a menor dúvida de que Floride, como se divertiam em chamá-lo os rapazes do Simca, havia desertado, carregando uma maleta de mão e abandonando uma outra cheia de camisas e roupa de baixo, Taunus resolveu que um dos rapazes cuidaria do automóvel abandonado para não imobilizar a coluna. Essa deserção no escuro havia desagradado vagamente a todos; perguntava-se até onde poderia chegar Floride em sua fuga através dos campos. Quanto ao mais, parecia ser aquela a noite das grandes decisões: deitado em sua cama do 404, o engenheiro acreditou ter escutado um gemido, mas pensou que o soldado e sua mulher seriam responsáveis por alguma coisa que, afinal, se tornava compreensível em plena noite e naquelas circunstâncias. Depois, pensou melhor e levantou a lona que cobria a janela traseira; à luz de umas poucas estrelas percebeu, a um metro e meio, o eterno párabrisas do Caravelle e atrás, como grudado ao vidro e um pouco de lado, o rosto convulso do homem. Sem fazer barulho, saiu pelo lado esquerdo para não acordar as freiras e aproximou-se do Caravelle. Depois, foi procurar Taunus, e o soldado correu para avisar ao médico. Era evidente que o homem se suicidara, tomando algum veneno; as linhas a lápis no caderninho eram suficientes, além da carta dirigida a uma tal Yvette, que o abandonara em Vierzon. Felizmente, o hábito de dormir dentro dos automóveis estava bem estabelecido (as noites já eram tão frias que ninguém teria pensado em ficar do lado de fora), pouco se incomodando que outras pessoas passassem e entre os carros e se esgueirassem até a beira da autoestrada para aliviar-se. Taunus convocou um conselho de guerra, tendo o médico concordado com sua proposta. Deixar o cadáver à beira da autoestrada significava submeter os que vinham mais atrás a uma surpresa no mínimo penosa; leva-lo para mais longe em pleno campo, podia provocar a repulsa violenta dos habitantes do lugar, que na noite anterior, haviam ameaçado e batido num rapaz de outro grupo, que procurava comida. O camponês do Ariane e o passageiro do DKW tinham o necessário para fechar hermeticamente o porta-malas do Caravelle. Quando começaram o trabalho, juntou-se a eles a moça do Dauphine, que se dependurou, tremendo, no braço do engenheiro. Ele explicou-lhe, em voz baixa, o que acabava de acontecer e devolveu-a ao seu carro, já mais calma. Taunus e seus homens haviam introduzido o corpo no porta-malas, e o passageiro trabalhou com fita adesiva e tubos de cola liquida à luz da lanterna do soldado. Como a mulher do 203 saia dirigir, Taunus resolveu que seu marido ficaria incumbido do Caravelle colocado à direita do 203; assim, na manhã seguinte, a menina do 203 descobriu que o pai tinha outro carro, e brincou horas a fio de passar de um para outro e de instalar parte de seus brinquedos no Caravelle.

rasil/?

rmelho?

Pela primeira vez sentia-se frio em pleno dia, e ninguém pensava em tirar os casacos. A moça do Dauphine e as freiras fizeram um inventário dos agasalhos disponíveis no grupo. Uns poucos suéteres apareceram como que por acaso nos automóveis ou em alguma mala, cobertores, alguma gabardine ou abrigo leve. Estabeleceu-se uma lista de prioridades, distribuíram-se os agasalhos. A água novamente tornava a faltar e Taunus enviou três de seus homens, entre eles o engenheiro, para que tratassem de estabelecer contato com os moradores do lugar. Sem que se pudesse saber por que, a resistência externa era total; bastava sair do limite da autoestrada para que, de qualquer lugar, chovessem pedras. Em plena noite, alguém jogou uma foice que bateu no teto do DKW e caiu do lado do Dauphine. O passageiro ficou muito pálido sem se mexer do automóvel, mas o americano do De Soto (que não integrava o grupo de Taunus mas a quem todos apreciavam pelo bom humor e as risadas) veio correndo e, depois de rodar no ar a foice, devolveu-a para o campo com toda sua força,

praguejando aos gritos. Entretanto, Taunus não julgava conveniente aprofundar a hostilidade; talvez ainda fosse possível realizar uma incursão à procura de água.

Já ninguém fazia a conta do que tinham avançado naquele ou naqueles dias; a moça do Dauphine achava que uns oitenta a cem metros; o engenheiro era menos otimista, mas se divertia em prolongar e complicar os cálculos com sua vizinha, interessado, de vez em quando, em roubar a companhia do passageiro do DKW que a cortejava à sua maneira profissional. Nessa mesma tarde, o rapaz encarregado do Floride correu para prevenir Taunus que um Ford Mercury oferecia água a preço razoável. Taunus recusou, mas, ao anoitecer, uma das freiras pediu ao engenheiro um gole de água para a velha do ID que sofria sem se queixar, sempre agarrada à mão do marido e atendida alternadamente pelas freiras e pela moça do Dauphine. Sobrava meio litro de água, que as mulheres reservaram para a velha e para a senhora do Beaulieu. Nessa mesma noite Taunus pagou, do seu bolso, dois litros de água; o Ford Mercury prometeu conseguir mais para o dia seguinte, pelo dobro do preço.

Era difícil reunir-se para discutir: fazia tanto frio que ninguém abandonava os automóveis a não ser por motivo de força maior. As baterias começavam a se descarregar e não se podia fazer funcionar o aquecimento durante todo o tempo; Taunus decidiu que os dois automóveis mais bem equipados seriam reservados, se fosse o caso, para os doentes. Embrulhados em cobertores (os rapazes do Simca haviam arrancado o estofamento de seu automóvel para fabricar jalecos e bonés, e outros começavam a imitá-los), cada qual tratava de abrir o menos possível as portinholas para conservar o calor. Numa dessas noites geladas o engenheiro ouviu a moça do Dauphine chorando convulsivamente. Sem fazer barulho, abriu pouco a pouco a porta e tateou na sombra até roçar uma face molhada. Quase sem resistência, a moça deixou-se atrair para o 404; o engenheiro ajudou-a a estender-se, agasalhou-a com o único cobertor e pôs a gabardine por cima. A escuridão era mais densa no carro-ambulância, com suas janelinhas cobertas pelas lonas da tenda. Em determinado momento, o engenheiro desceu os dois párabrisas e neles pendurou sua camisa e um pulôver para isolar inteiramente o automóvel. Por volta do amanhecer ela lhe disse no ouvido que antes de começar a chorar pensara ter avistado ao longe, do lado direito, as luzes de uma cidade.

rasil/?

Talvez fosse uma cidade, mas as névoas da manhã não permitiam enxergar nem a vinte metros. Curiosamente nesse dia a coluna avançou bastante mais, talvez duzentos ou trezentos metros. Isto coincidiu com novas notícias do rádio (que quase ninguém ouvia, a não ser Taunus, que se sentia obrigado a estar a par da situação). Os locutores falavam com ênfase em medidas de exceção que desobstruiriam a autoestrada, e faziam menção ao trabalho estafante das patrulhas rodoviárias das forças policiais. Subitamente, uma das freiras começou a delirar. Enquanto sua companheira a contemplava aterrorizada, e a moça do Dauphine lhe umedecia as têmporas com um resto de água-de-colônia, a freira falou em Armagedon no nono dia, na corrente de cinábrio. O médico chegou muito tempo depois, abrindo caminho pela neve que caía desde o meio-dia e isolava, pouco a pouco, os automóveis. Lamentou a falta de uma injeção calmante e aconselhou que levassem a freira para um automóvel com bom aquecimento. Taunus instalou-a em seu carro, e o menino passou para o Caravelle, onde também estava sua amiguinha do 203; brincavam com seus automóveis e se divertiam muito porque eram os únicos a não passar fome. Durante todo esse dia e os seguintes nevou quase continuamente, e quando a coluna avançava uns metros era necessário retirar, com meios improvisados, a massa de neve amontoada entre os carros.

rmelho?

Ninguém se espantava com a forma pela qual se obtinham os mantimentos e a água. A única coisa que Taunus podia fazer era administrar os fundos comuns e tratar de tirar o melhor partido possível de alguns intercâmbios. O Ford Mercury e um Porsche apareceram todas as noites para traficar com víveres; Taunus e o engenheiro se encarregavam de distribuí-los de acordo com o estado físico de cada um. Por incrível que pareça, a velha do ID sobrevivia, perdida numa sonolência que as mulheres cuidavam de dissipar. A senhora do Beaulieu, que uns dias antes sofrera náuseas e desmaios, tinha melhorado com o frio e era das que mais ajudavam a freira a cuidar da companheira, sempre fraca e um tanto alheada a tudo. A mulher do soldado e a do 203

se encarregavam dos dois meninos, o passageiro do DKW, talvez para consolar-se do fato de a passageira do Dauphine haver preferido o engenheiro, passava horas contando histórias para os meninos. À noite, os grupos estavam em outra vida, sigilosa e privada; as portas se abriam silenciosamente para deixar entrar ou sair alguma silhueta encolhida; ninguém olhava para os outros, os olhos estavam tão cegos quanto a própria sombra. Sob cobertores sujos, com mãos de unhas crescidas, cheirando a fechado e a roupa sem mudar, algum sinal de felicidade persistia aqui e ali. A moça do Dauphine não se havia enganado: ao longe brilhava uma cidade e eles pouco a pouco iriam se aproximando dela. Às tardes, o rapaz do Simca costumava subir na capota de seu carro, vigia incorrigível, embrulhado em pedaços de estofamento e estopa verde. Cansado de explorar o horizonte inútil, olhava pela milésima vez os automóveis em redor; com alguma inveja descobria a Dauphine no carro do 404, uma mão acariciando um pescoço, o final de um beijo. Por pura brincadeira, agora que reconquistara a amizade do 404, gritava-lhes que a coluna ia se mexer; então a Dauphine tinha que deixar o 404 e entrar em seu automóvel, mas depois de certo tempo tornava a mudar-se, em busca de calor; o rapaz do Simca teria gostado tanto de poder trazer para seu carro alguma garota de outro grupo, mas não podia nem pensar nisso com o frio e a fome, sem contar que o grupo mais à frente estava em franca hostilidade com o do Taunus por causa de uma história relacionada com uma lata de leite condensado, e, salvo as transações oficiais com o Ford Mercury e o Porsche, não havia relação possível com os outros grupos. Então, o rapaz do Simca suspirava, contrariado, e tornava dar o seu plantão até que a neve e o frio o obrigavam a meter-se, tiritando, no seu automóvel.

Mas o frio começou a ceder, e depois de um período de chuvas e ventos que exasperaram os ânimos e aumentaram as dificuldades de abastecimento, seguiram-se dias frescos e ensolarados em que já era possível sair dos automóveis, fazer visitas, reatar relações com os grupos vizinhos. Os chefes haviam discutido a situação e, finalmente, conseguiu-se a pacificação com o grupo da frente. Falou-se por muito tempo da súbita desaparição do Ford Mercury, sem que ninguém soubesse o que poderia ter-lhe acontecido, mas o Porsche continuou vindo e controlando o mercado negro. Jamais faltavam de todo a água ou as conservas, se bem que os fundos do grupo diminuíssem e Taunus e o engenheiro se indagavam o que aconteceria no dia em que não houvesse mais dinheiro para o Porsche.

rasil/?

Falou-se de um golpe de força, prendê-lo e exigir-lhe que revelasse sua fonte de abastecimento, mas como, nesses dias, a coluna tinha avançado um bom trecho, os chefes preferiram continuar esperando e evitar o risco de pôr tudo a perder com uma decisão violenta. O engenheiro, que acabara por entregar-se a uma indiferença quase agradável, sobressaltou-se, por um momento, com a tímida revelação da moça do Dauphine, mas depois compreendeu que não podia fazer nada para evitá-lo, a ideia de ter um filho dela acabou por parecer-lhe tão natural quanto a distribuição noturna dos mantimentos ou as viagens furtivas até a beira da autoestrada. Tampouco a morte da velha do ID a ninguém podia surpreender. Foi preciso trabalhar outra vez em plena noite, fazer companhia e consolar o marido que não conseguia resignar-se. Entre os dois grupos de vanguarda estourou uma briga e Taunus teve de fazer o papel de árbitro para resolver, precariamente, a diferença. Tudo podia acontecer a qualquer momento, sem horários previsíveis; o mais importante começou quando já ninguém esperava, e o menos responsável foi quem percebeu em primeiro lugar. Trepado na capota do Simca, o alegre vigia teve a impressão de que o horizonte tinha mudado (era a hora do crepúsculo, um sol amarelento deixava escorrer sua luz rasante e mesquinha) e que alguma coisa inconcebível estava acontecendo a quinhentos, a trezentos, a duzentos e cinqüenta metros. Gritou para o 404 e o 404 falou alguma coisa com Dauphine que voltou rapidamente para seu automóvel quando já Taunus, o soldado e o camponês vinham correndo e, da capota do Simca, o rapaz apontava para a frente e repetia interminavelmente a notícia como se quisesse convencer-se de que o que estava enxergando era verdade; então, ouviram o tumulto, algo como um pesado mas incontrastável movimento migratório que acordava de um interminável torpor e experimentava suas forças. Taunus ordenou-lhes gritando que voltassem aos seus carros; o Beaulieu, o ID, o Fiat 600 e o De Soto arrancaram com o mesmo ímpeto. Agora o 2HP, o Taunus, o Simca e o Ariane começavam a deslocar-se e o rapaz do Simca, orgulhoso de alguma coisa que significava seu triunfo, virava-se para o 404 e agitava o

rmelho?

braço, enquanto o 404, o Dauphine, o 2HP das freiras e o DKW punham-se, por sua vez, em marcha. Mas tudo se resumia em saber quanto tempo isso ia durar; o 404 também se interrogava, quase por hábito, enquanto se mantinha emparelhado com o Dauphine e sorria para encorajá-la.

Atrás, o Volkswagen, o Caravelle, o 203 e o Floride arrancavam, por sua vez, lentamente, um trecho em primeira, depois segunda, interminavelmente segunda mas já sem embrear como tantas vezes, com o pé firme no acelerador, esperando poder passar para terceira.

Esticando o braço esquerdo o 404 procurou a mão de Dauphine, encostou apenas a ponta dos dedos, percebeu em seu rosto um sorriso de incrédula esperança e pensou que iam chegar a Paris, que tomariam banho, que iriam juntos a qualquer parte, à sua casa ou à dela para tomar banho, comer, tomar banho interminavelmente e comer e beber, e que depois haveria móveis, haveria um quarto com móveis e um banheiro com espuma de sabão para fazer a barba de verdade, e privadas, comida e privadas e lençóis, Paris era uma privada e dois lençóis e água quente escorrendo no peito e nas pernas, e uma tesourinha de unhas, e vinho branco, beberiam vinho branco antes de se beijar e sentir cheiro de lavanda e colônia, antes de se conhecer de fato em plena luz entre lençóis limpos, e tornar a tomar banho de brincadeira, amar-se e tomar banho e beber e entrar no cabeleireiro, entrar no banho, acariciar os lençóis e acariciar-se entre os lençóis e amar-se entre a espuma e a lavanda e as escovas antes de começar a pensar no que iam fazer, no filho e nos problemas e no futuro, e tudo isso desde que não parassem, que a coluna continuasse andando, embora ainda não se pudesse passar para terceira, continuar assim em segunda, mas continuar. Com os párachoques tocando no Simca, o 404 encostou-se para trás no assento, sentiu aumentar a velocidade, sentiu que podia acelerar sem perigo de bater no Simca, e que o Simca acelerava sem perigo de bater no Beaulieu, e que atrás vinha o Caravelle e que todos aceleravam mais e mais, e que já se podia passar para terceira sem que o motor sofresse, e a alavanca entrou inexplicavelmente na terceira e a marcha se tornou suave e se acelerou ainda mais, e o 404 olhou enternecido e deslumbrado para a sua esquerda, procurando os olhos de Dauphine. Era natural que com tanta aceleração as filas já não se mantivessem paralelas; Dauphine havia-se adiantado quase um metro e o 404 via-lhe a nuca e o perfil, no momento exato em que ela se virava para olhá-lo e fazia um gesto de surpresa ao ver que o 404 se atrasava ainda mais. Tranquilizando-a com um sorriso, o 404 acelerou de repente mas quase em seguida teve de frear porque estava a ponto de bater no Simca; tocou secamente a buzina e o rapaz do Simca olhou-o pelo espelho retrovisor e fez um gesto de impotência, apontando-lhe com a mão esquerda o Beaulieu colado ao seu automóvel. O Dauphine estava a três metros mais adiante, à altura do Simca, e a menina do 203, na altura do 404, agitava os braços e mostrava-lhe a boneca. Uma mancha vermelha, do lado direito, desorientou o 404; em vez do 2HP das freiras ou do Volkswagen do soldado avistou um Chevrolet desconhecido, e quase em seguida o Chevrolet avançou seguido por um Lancia e por um Renault 8. À sua esquerda se emparelhava um ID que começava a levar vantagem metro a metro, mas antes que fosse substituído por um 403, o 404 conseguiu avistar ainda na dianteira o 203 que já encobria o Dauphine.

rasil/?

rmelho?

O grupo se deslocava, já não existia, Taunus devia estar a mais de vinte metros adiante, seguido por Dauphine; ao mesmo tempo, a terceira fila da esquerda se atrasava, porque em vez do DKW do passageiro, o 404 enxergava a traseira de uma velha caminhonete preta, talvez um Citroen ou um Peugeot. Os automóveis corriam em terceira, adiantando-se ou perdendo terreno de acordo com o ritmo de sua fila, e do lado da autoestrada viam-se as árvores fugindo, algumas casas entre a massa de névoa e o anoitecer. Depois, foram as luzes vermelhas que todos acendiam seguindo o exemplo dos que iam adiante, a noite que se fechava de repente. De quando em quando soavam buzinas, os ponteiros dos velocímetros subiam cada vez mais, algumas filas avançavam a setenta quilômetros, outras a sessenta e cinco, algumas a sessenta. O 404 havia esperado ainda que o avanço e o recuo das filas lhe permitissem chegar novamente até o Dauphine, mas cada minuto o persuadia de que era inútil, de que o grupo se dissolvera irrevogavelmente, de que já não voltariam a repetir-se os encontros de rotina, os rituais mínimos, os conselhos de guerra no automóvel de Taunus, as carícias de Dauphine na paz da madrugada, as risadas dos meninos brincando com seus

automóveis, a imagem da freira passando as contas do terço. Quando se acenderam as luzes dos freios do Simca, o 404 reduziu a marcha com um absurdo sentimento de esperança e, apenas apertado o freio de mão, saltou do automóvel correndo para adiante. Além do Simca e do Beaulieu (mais atrás estaria o Caravelle, mas pouco lhe importava) ele não reconheceu nenhum automóvel; através de cristais diferentes olhavam-no com surpresa, e talvez com espanto, outros rostos que nunca vira. Soavam as buzinas e o 404 teve que voltar ao seu automóvel; o rapaz do Simca fez-lhe um gesto cordial, como se compreendesse, e apontou animadamente em direção a Paris. A coluna punha-se de novo em marcha, lentamente durante alguns minutos, e logo após como se a autoestrada estivesse definitivamente livre. À esquerda do 404 corria um Taunus, e por um segundo o 404 achou que o grupo se recompunha, que tudo entrava na ordem, que se poderia seguir adiante sem nada destruir. Mas era um Taunus verde, e no volante havia uma mulher com óculos pretos que olhava fixo para a frente. Nada mais se podia fazer a não ser entregar-se à marcha, adaptar-se mecanicamente à velocidade dos automóveis em redor, não pensar. No Volkswagen do soldado devia estar seu casaco de couro. Taunus tinha o romance que lera nos primeiros dias. Um vidro de lavanda, quase vazio, no 2HP das freiras. E ele tinha ali, tocando-o às vezes com a mão direita, o ursinho de veludo que Dauphine lhe presenteara como mascote. Absurdamente, aferrou-se à ideia de que às nove e meia seriam distribuídos os alimentos, teria que visitar os doentes, examinar a situação com Taunus e o camponês do Ariane; depois viria a noite, seria Dauphine subindo sigilosamente em seu automóvel, as estrelas ou as nuvens, a vida. Sim, tinha de ser assim, não era possível que isso tivesse acabado para sempre. Talvez o soldado conseguisse uma ração da água, que havia faltado nas últimas horas; de qualquer maneira se podia contar com o Porsche, sempre que se lhe pagasse o preço pedido. E na antena do rádio flutuava alucinadamente a bandeira com a cruz vermelha, e se corria a oitenta quilômetros por hora em direção às luzes que cresciam pouco a pouco, sem que já se soubesse bem para que tanta pressa, por que essa correria na noite entre automóveis desconhecidos onde ninguém sabia nada sobre os outros, onde todos olhavam fixamente para a frente, exclusivamente para a frente.
FIM

Do livro: Julio Cortázar. *Todos os fogos o fogo*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1974

rasil/?

rmelho?

TAGS

LITERATURA LATINO-AMERICANA (HTTPS://VERMELHO.ORG.BR/TAG/LITERATURA-LATINO-AMERICANA/)

CONTÉUDO RELACIONADO

Cultura (https://vermelho.org.br/cultura/) | publicado em 07/08/2014

Série de cartazes políticos revela época de ouro" do design cubano (https://vermelho.org.br/2014/08/serie-de-cartazes-politicos-revela-epoca-de-ouro-do-design-cubano/)

Em 1966 é criada, em Cuba, a Organização de Solidariedade aos Povos da Ásia, África, e América Latina (Ospaaal). Liderada por

Cultura (https://vermelho.org.br/cultura/) | publicado em 07/08/2014

Ministério da Cultura vai premiar iniciativas em comunicação (https://vermelho.org.br/2014/08/07/ministerio-da-cultura-vai-premiar-iniciativas-em-comunicacao/)

Para incentivar os jovens a produzir comunicação e cultura em todo o país, o Ministério da Cultura distribuirá 60 prêmios,

Cultura (https://vermelho.org.br/cultura/) | publicado em 09/08/2014

SP: Início do MIS joven exposições (https://vermelho.org.br/2014/08/09/sp-inicio-do-mis-joven-exposicoes/)

O Museu da Imagem e do Som de São Paulo (MIS) foi criado em 1970 na capital paulista, mas foi a partir do ano passado que viu seu

Cultura (https://vermelho.org.br/cultura/) | publicado em 09/08/2014

Pesquisa indica que 44% das assédio em ônibus (https://vermelho.org.br/2014/08/09/pesquisa-indica-que-44-das-mulheres-sofrem-assedio-em-onibus/)

Pesquisa divulgada neste sábado (9), indica que, em média, 43,8% das mulheres que utilizam transpote público em grandes

Che Guevara e por Mehdi Ben-Barka, a organização se opunha à globalização neoliberal, mas propunha a unidade entre as lutas destes três continentes. Dois anos depois da fundação, a Ospaaal lançou a *Revista Tricontinental*, contendo pôsteres que ficaram famosos por promoverem a causa e, principalmente, por revelar a "época de ouro" do design cubano.

de R$ 14 mil cada, para iniciativas inéditas. Podem concorrer jovens entre 15 e 29 anos, incluindo estrangeiros que moram no Brasil há mais de três anos.

espaço ser disputado por milhares de pessoas em busca das grandes exposições realizadas no local. André Sturm, diretor executivo e curador geral do MIS, vê esse aumento de público como uma tendência de expansão no consumo cultural.

cidades sofrem assédio. O estudo foi realizado nas periferias de São Paulo, Rio, Pernambuco e Rio Grande do Norte. O estudo foi feito pela organização humanitária ActionAid para a campanha Cidade Segura.

rasil/?

rmelho?

Um comentario para "A autoestrada do sul"

Pingback: Tempo suspenso – Sociabilidades em um mundo paralisado – HISTÓRIAS DO TEMPO (https://historiastempo.wordpress.com/2020/03/23/quarentena-encontro-1/)

Os comentários estão desabilitados.